

## 5 Os gêneros discursivos e as aulas de projeto

Após a observação participante (capítulo 3) e o tratamento e análise preliminar dos desenhos feitos pelos alunos (capítulo 4), concentrei a análise propriamente dita no atendimento ao objetivo da pesquisa. Como apresentado anteriormente, visei à observação das interações dos sujeitos com os espaços e recursos materiais nas salas de aula de projeto em relação às práticas de ensino e aprendizagem. Portanto, o foco da pesquisa é compreender como as aulas de projeto se relacionam com o ambiente em que se dá.

A observação participante e as representações gráficas dos alunos indicaram que alguns formatos de aula apresentam configurações formais diferentes, empregando diferentes recursos. Esses formatos nos levaram a pensá-los segundo a filosofia de Bakhtin, que trata dos gêneros discursivos não como uma categorização hierárquica e tipificada, mas como formas relativamente estáveis de enunciados em sua relação com os interlocutores. Neste capítulo, portanto, apresentamos os conceitos de Bakhtin e de autores que, de algum modo, dialogam com seu pensamento acerca dos gêneros discursivos. Em seguida, tratamos dos casos identificados, considerados segundo a observação participante e os desenhos. Por fim, tecemos as conclusões dos capítulos, ressaltando a relação com a teoria em função dos aspectos analisados.

### 5.1 Os gêneros discursivos na teoria de Bakhtin

Bakhtin destaca a importância das interações sociais na constituição dos discursos. Grosso modo, Bakhtin afirma que a linguagem se constitui de maneira dialógica, a partir das interações sociais e que a partir daí se estabelecem as formas específicas de comunicação e as normas linguísticas. Com isso, o autor se posiciona contra duas tendências linguísticas: uma que ele chama de “objetivismo abstrato”, que tende a enxergar a língua como uma estrutura fixa e autônoma; outra que ele denomina “subjetivismo idealista” que compreende a língua como produto da expressão artística individual.

O dinamismo da linguagem na perspectiva bakhtiniana está relacionado às condições materiais, ou seja, sociais e históricas em que as interações verbais se realizam. Bakhtin toma a oralidade, e não a escrita, como base de sua teoria e, portanto, compreende a constituição dos signos de maneira dialética e dinâmica e não co-

mo um sinal inerte que advém de um sistema abstrato da língua. Em linhas gerais, o autor compreende que a significação depende da relação estabelecida entre os interlocutores e o contexto em que se realiza, defendendo que a língua se modifica por mudanças nas condições históricas, sociais e nas necessidades comunicativas.

Segundo Bakhtin, somente a dialética é capaz de resolver a contradição entre a unicidade e a pluralidade da significação. Desse modo, nem os signos possuem significados pré-estabelecidos por sistemas de regras e leis, que desqualificam as ocorrências divergentes como desvios, nem tampouco os signos admitem qualquer significado como a manifestação de uma expressão ou interpretação individual de cada sujeito, que descarte a possibilidade de significados partilhados por grupos sociais. Para Bakhtin, os signos não encerram em si os significados, pois estes são negociados, por meio das dinâmicas estabelecidas pela interação entre diferentes interlocutores.

Mediante uma concepção que valoriza o dialogismo, Bakhtin não emprega a noção de “texto” propriamente dita, mas adota em seu lugar os conceitos de “enunciado” e “gêneros textuais”. Estes conceitos são instrumentais na obra bakhtiniana, pois é a partir da relação dinâmica estabelecida entre eles que se desenvolve sua perspectiva da linguagem. As noções de enunciado e gêneros formam a base para uma compreensão da relação entre as manifestações individuais e coletivas.

Bakhtin trata a noção de enunciado tanto como o resultado, como ao processo de elaboração. Como resultado, o enunciado é uma forma cristalizada de uma ação comunicativa. Já como processo, o enunciado se relaciona às interações entre os interlocutores, sejam eles diálogos internos entre diferentes ideologias no âmbito do próprio sujeito, ou externos com outros sujeitos. O conceito de enunciado (Bakhtin, 2003 p. 261) abrange o ato da fala e da escrita e o resultado do ato.

A relação intrínseca entre ato e resultado concebe a linguagem numa perspectiva dinâmica que se relaciona aos aspectos sociais e históricos em que se desenvolvem. Ao propor o enunciado também como ato, Bakhtin o concebe como uma atividade que se insere dentro de uma perspectiva intertextual, ou seja, dentro de um processo discursivo de caráter histórico e social. Cada texto refere-se a outros textos, dado que é produzido dentro de uma sociedade e, portanto, reporta-se a formas anteriores e posteriores. Conforme afirma o autor:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (Bakhtin, 2006 p.99)

Esse “elo da cadeia dos atos de fala” apresenta a característica dialógica presente inclusive nas manifestações escritas. Para Bakhtin essa é uma característica imprescindível, pois o enunciado pressupõe a relação com um interlocutor, dirige-se sempre a alguém, presente ou ausente, supõe um “horizonte social”:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito. (Bakhtin, 2006, p.113-114)

O enunciado como produto diz respeito às unidades resultantes das enunciações, com suas formas e características específicas. Já não se refere mais ao ato em si, mas a algo que surge dele. Segundo Irene Machado, estudiosa da filosofia de Bakhtin, o enunciado é “a unidade concreta do texto; uma unidade resultante das combinações dos gêneros discursivos – formas específicas de usos das variedades virtuais de uma língua” (MACHADO: 1996, p. 238). O enunciado também é, portanto, o resultado de combinações de formas, de gêneros. Possui uma ligação intrínseca com o ato de sua elaboração, que lhe é inalienável, mas não é mais o ato.

A combinação de gêneros, que a autora menciona, consistem no aspecto a partir do qual Bakhtin introduz a relação entre as manifestações individuais e coletivas. Bakhtin reconhece a individualidade dos enunciados, mas reconhece também que eles se reportam à formas conhecidas, de acordo com as funções e os contextos em que se inserem: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (Bakhtin, 2003 p.262)

Ao opor-se à uma concepção objetivista abstrata da língua, como a abordagem saussuriana, Bakhtin defende que a língua não seja um sistema autônomo e independente das relações sociais. Ao defender essa perspectiva, o autor identifica às formas particulares assumidas pelos enunciados em situações específicas. Ao mesmo tempo, Bakhtin também se opõe a uma concepção subjetivista idealista, por entender que esta não é uma manifestação apenas da expressão individual, mas relaciona-se a enunciados anteriores. Assim, o filósofo reconhece que os enunciados também possuem formas socialmente partilhadas, de caráter coletivo.

Sendo assim, a concepção bakhtiniana do “gênero discursivo” é um dos elementos que resolve o embate entre manifestação singular e coletiva. Isso porque os enunciados assumem formas singulares, mas se constituem a partir de gêneros, ou seja, formas “relativamente estáveis” de enunciados. Não é por acaso que Bakhtin, em momentos diferentes de seus textos, faz alusões aos enunciados e gêneros como elos, ou correias que ligam as formas singulares em formas coletivas:

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (Bakhtin: 2003, p.26)

Conforme explica Marcuschi (2003), o gênero em Bakhtin caracteriza-se pela interação social e não por uma forma tipificada. Assim, não são as propriedades linguísticas determinadas dentro de um sistema hierarquizado de nomenclatura e regras que caracterizará o gênero, mas a situação, o contexto e o propósito comunicativo.

Machado chama atenção para a importância dos gêneros no dia-dia. Segundo a autora pelo fato de estarem vinculados aos enunciados e, assim, à ação social e cultural, os gêneros estão presentes em nosso cotidiano ao estabelecerem certas formas de comunicação:

O mundo prosaico é assim potencializador dos gêneros discursivos que modulam as enunciações, determinando as formas genéricas dos enunciados pronunciados pelos falantes. Para Bakhtin, nossa fala é modulada pelos gêneros discursivos, pois todas as enunciações de nosso discurso-fala revelam escolhas particulares de formas construídas dentro de um todo, as enunciações. (Machado, 1996 P.243)

A afirmação de Machado identifica em Bakhtin uma relação entre as ações sociais e o emprego dos gêneros que viabilizam a comunicação verbal. De maneira análoga, Marcuschi (2003) também chama atenção para o papel que os gêneros assumem na interpretação dos enunciados. Nesse sentido, exemplifica que contar uma piada está ligado a certo tipo de expectativa, portanto contá-la em um local considerado inadequado seria uma violação das normas de uso de gênero.

Todavia, Marcuschi chama atenção para o fato de os gêneros assumirem formas inusitadas, admitindo em si a intertextualidade. Enquanto um tipo admite apenas a predominância de certas formas características, um gênero pode incorporar vários tipos textuais. Por isso, o autor considera importante diferenciar os gêneros dos tipos textuais, pois estes dizem respeito a certos traços linguísticos predominantes. Dessa maneira, a partir de Bakhtin e outros teóricos que abordam o gênero pelo viés da interação social, o autor sintetiza as diferenças na seguinte tabela (MARCUSCHI, 2003 p.23):

<b>Tipos textuais</b>	<b>Gêneros Textuais</b>
constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	realizações linguísticas concretas e definidas por propriedades sócio-comunicativas;
constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;	constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concursos, piada, conversação espontânea, conferência eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Tabela 5-1 – Comparação entre Tipos e Gêneros Textuais

O quadro acima mostra as diferenças entre uma abordagem que privilegia as características linguísticas e outra que privilegia a interação social. De um lado os tipos textuais estão relacionados as características formais, adequados às normas de composição, sintaxe entre outros, desvinculados das suas situações de uso. De outro lado, e os gêneros discursivos estão relacionados segundo seus propósitos e funções de acordo com suas ocorrências em situações cotidianas.

A vinculação dos gêneros aos contextos culturais e sociais admite uma pluralidade de gêneros tão diversa quanto as situações sociais possíveis. Nesse sentido, Marcuschi (2003) também expõe que determinadas áreas de conhecimento produzem certas formas discursivas específicas, gerando seus próprios gêneros oriundos de práticas comunicativas institucionalizadas. É o caso de certos gêneros presentes no discurso religioso (novena, ladainha, jaculatória).

O próprio Marcuschi (2003, p. 23) exemplifica o caso da aula expositiva como um gênero discursivo. O exemplo evoca tanto a especificidade de uso como as possibilidades de variantes dentro do gênero. Por um lado, a situação de aula exige uma certa forma de elaboração verbal e certas estratégias empregadas por professores e alunos. Por outro lado, existe uma variedade de “aulas expositivas” que não seguem, necessariamente, a mesma forma, mas cujo propósito e situação social se assemelham. Neste caso trata-se de uma construção social e com isso, admite variantes de acordo com o seu propósito:

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero. Por exemplo, uma carta pessoal ainda é uma carta, mesmo que a autora tenha esquecido de assinar o nome no final e só tenha dito no início: “querida mamãe”. Uma publicidade pode ter o formato de um poema ou de uma lista de produtos em oferta; o que conta é que divulgue os produtos e estimule a compra por parte dos clientes ou usuários daquele produto. (...) (MARCUSCHI, 2003, p.32)

Apesar de admitirem diferentes tipos textuais e por privilegiarem uma função comunicativa adequada a um contexto, os gêneros também possuem formas características. A questão, conforme aponta Bakhtin, é reconhecer que tais formas não são arbitrárias e oriundas de um sistema pré-estabelecido e abstrato, mas constituídas em situações históricas e sociais específicas. Tais formas, refletem portanto o contexto em que se inscrevem.

A este respeito [gêneros linguísticos] faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre professores de conteúdo num contexto puramente técnico), a forma de enunciação (“respostas curtas” na “linguagem de negócios”) e enfim o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. (BAKHTIN 2006, p.42)

Portanto, os gêneros discursivos na concepção de Bakhtin não se constituem a partir de uma série de características formais, em sistemas classificatórios hierarquizados, em formas composicionais específicas. Os gêneros adquirem suas formas características mediante as práticas sociais e a partir dela se consolidam e se modificam de acordo com os interlocutores, contexto histórico, hierarquia social, ideologia etc. Nesse sentido, podem ser classificados quanto ao seu grau de elaboração: primários, quando tem origem em ações cotidianas espontâneas, normalmente orais; secundários, quando tem origem em comunicações mais complexas, incorporando outros gêneros, normalmente escritos.

A distinção entre gêneros primários e secundários consiste em uma das poucas classificações que Bakhtin estabelece, uma vez que sua filosofia da linguagem não propõe um sistema classificatório, mas à observação das situações de emprego da língua. A distinção diz respeito aos níveis de elaboração, em que os gêneros primários ocorrem normalmente em situações orais e são mais simples e espontâneos, enquanto os secundários são mais elaborados, típicos da escrita e in-

corporam os gêneros primários. Os romances, por exemplo, são gêneros secundários que incorporam outras formas primárias, como o diálogo.

Em suma, os gêneros discursivos são formas discursivas constituídas nas interações verbais que formam os enunciados. Estes, por sua vez, são dependentes das condições de enunciação, que envolvem aspectos sociais e históricos, estabelecendo o diálogo com formas pré-existentes e em relação a quem se destina. Portanto, a enunciação se dá dentro de uma situação dialógica, com um propósito específico e negociada entre os interlocutores.

## 5.2 Os gêneros das aulas de projeto

Embora Bakhtin trate dos aspectos discursivos na sua concepção de uma filosofia da linguagem, sua compreensão dialógica, a partir da dinâmica da interação verbal, pode ser empregada para compreender outras formas de interações sociais. Assim, a noção de que o discurso depende das condições de enunciação é operacional, pois possibilita compreender que as relações e os significados dependem tanto dos interlocutores como também de suas condições materiais e históricas de produção. Este entendimento ressalta a importância do contexto para o processo de significação e os papéis das diferentes mediações no processo discursivo e nas interações sociais em geral.

Não vemos necessidade de se restringir o discurso aos aspectos verbais apenas, pois há uma série de outros aspectos não verbais que participam das interações sociais. Os estudos acerca do discurso, presentes na sociolinguística interacional, por exemplo, apontam não apenas para as características verbais nas interações, como também para os aspectos não verbais. Os gestos, a entonação, a ênfase dada às palavras, o ritmo, as pausas, o posicionamento entre os participantes, entre outros aspectos, fornecem o que Gumperz (2002) chama de “pistas de contextualização”. Segundo o autor, estas pistas podem se sobrepor aos enunciados verbais, mudando o significado do que foi dito, de acordo com o que foi sinalizado ou sugerido pela pista de contextualização.

Podemos, portanto, referir-nos à comunicação humana como canalizada e restringida por um sistema multinível de sinais verbais e não verbais, que são adquiridos e, ao longo da vida, automaticamente produzidos e intimamente coordenados. (Gumperz, 2002 p.166)

Dessa maneira, a sociolinguística interacional evidencia o importante papel que os sinais não verbais assumem na construção de sentidos nas interações sociais. Tais sinais podem ser interpretados e assumem um papel importante tanto na sociolinguística interacional como na antropologia. O antropólogo Clifford Geertz (2008), por exemplo, chama a atenção para a interpretação dos significados em uma

descrição etnográfica, valorizando os significados de gestos simples como uma piscadela de olhos que, dependendo do contexto pode sinalizar dissimulação, conviência, tique-nervoso ou mesmo a imitação de um tique. O gesto, acompanhado de palavras, poderia confirmá-las ou contradizê-las, daí a importância da contextualização.

Mas não são apenas os gestos que encerram as possibilidades de interpretação. As pistas de contextualização também podem se referir ao local, à ocasião, ao momento, aos sujeitos envolvidos, à cultura dos participantes e uma série de outros fatores que possam indicar uma ou outra convenção de interpretação. Com isso, há um entendimento pertinente à sociolinguística interacional e à antropologia de que os aspectos espaciais, os recursos materiais são capazes de afetar as práticas de ensino e aprendizagem.

Se os recursos materiais e espaciais potencializam ou limitam as possibilidades de ação, entendemos que eles participam diretamente da constituição de determinadas práticas de ensino e aprendizagem que são, também práticas comunicativas e discursivas. Com isso, os espaços e objetos também afetam a constituição dos enunciados e as possibilidades de significação.

As interações sociais, para recuperar a expressão de Bakhtin, situam-se em um contexto, mas este não é apenas social e histórico, mas também material. Afinal, assim como as palavras, os objetos e espaços arquitetônicos também refletem os aspectos, estilos, propósitos e funções definidos social e historicamente. As interações ocorrem nestes espaços e as possibilidades de ação também são potencializadas ou limitadas pelas condições materiais.

Ao se referir aos enunciados e, por extensão, aos gêneros (que se constituem a partir deles), Bakhtin indica três aspectos que formam os enunciados:

[Os enunciados] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (Bakhtin, 2003 p.261)

Ao nos apropriarmos da noção de gêneros para tratar das aulas de projeto do curso de graduação em Design da PUC-Rio e das interações com o ambiente, podemos reinterpretar os aspectos que constituem os elementos verbais para as interações de outra ordem. Os temas correspondem aos diferentes conteúdos das aulas, ou seja o que está sendo enfatizado. O estilo correspondem às escolhas dos recursos, às maneiras como são articulados diferentes aspectos verbais, visuais, gestuais de acordo com a intenção. A construção composicional diz respeito aos arranjos, a forma que assumem na sala e empregam os recursos.

Além dos aspectos enunciados por Bakhtin, Marcuschi (2003) também chama a atenção para a função, o que na concepção proposta por Bakhtin está su-

bentendida no próprio conceito de enunciado. Assim, a função também foi considerada na análise que contemplou a seleção dos 30 desenhos selecionados, segundo os critérios apresentados no capítulo 4, desenvolvidos pelos alunos do curso.

A análise a seguir contempla a observação, mediante os registros do diário de campo, como dois casos exemplares de desenhos que apresentam o momento de modo a contrastar as minhas opiniões às representações gráficas dos alunos.

## **5.2.1 Palestras e aulas expositivas**

### **5.2.1.1 Observação**

*Havendo percebido a necessidade de abordar o assunto para auxiliar os alunos com o detalhamento dos projetos, um dos professores regentes da disciplina resolveu dar uma aula dedicada ao uso de cores.*

*A sala estava organizada em fileiras e o professor manteve a disposição das mesas e cadeiras. À frente da sala, o professor chamou a atenção dos alunos que estavam sentados em grupo ao redor das mesas, de maneira que prestassem atenção à aula.*

*O professor explicou brevemente o processo a partir do qual enxergamos as cores, e a formação das cores a partir da luz.*

*Depois o professor tratou dos aspectos técnicos acerca do círculo cromático e das ferramentas empregadas para definir os diferentes padrões de cores. Para auxiliar a explicação, o professor foi ao quadro e desenhou um círculo listando a posição de cada tonalidade segundo o ângulo. A partir do esquema apresentado, ele explicou a maneira como os programas se referem às definições cromáticas.*

*Os alunos permaneceram em seus lugares, enquanto professor explicava. A atenção dos alunos se dividia entre o professor e o trabalho do projeto.  
(DSG1005 - segunda-feira, 19 de outubro de 2009)*



Figura 5-1 Professor ministrando uma aula expositiva sobre cor à frente da sala

As aulas expositivas ocorrem quando os professores regentes pretendem abordar um tópico específico, ou no momento de apresentação da disciplina. Fora isso, aos professores regentes tendem a orientar os trabalhos dos grupos no formato de atendimento. Já em relação aos professores de conteúdo, a aula expositiva é um formato de aula comum, na medida em que algumas aulas de conteúdo visam a apresentar conceitos para os alunos.

*Os professores regentes convidaram uma professora para palestrar sobre o assunto da produção gráfica na aula. A palestra foi conduzida mostrando os processos de produção e acabamento de materiais impressos.*

*Para explicar os processos de produção, a convidada trouxe uma bolsa repleta de materiais gráficos. Sua fala era coordenada com a exibição de uma série de materiais como fotolitos, provas de impressão, amostra de impressos, escalas de cores, etc. Conforme ela explicava os processos, ela mostrava o exemplo e depois emprestava o material que circulava pela turma para que os alunos pudessem ver de perto. Além disso, ela empregou também uma apresentação digital, mediante a qual apresentava textos e imagens sobre o conteúdo, que era coordenado com sua fala.*

*Para a palestra, o arranjo da sala não foi alterado, mantendo a organização das mesas dispostas em fila. Os alunos, sentados junto às mesas assistiam à aula e, eventualmente, faziam questionamentos. Alguns alunos faziam outras coisas, como ler, desenhar ou conversar. Nesses casos a atenção para a aula oscilava, alternando ora para a aula e ora para as atividades paralelas. Embora nem todos alunos estivessem plenamente concentrados na palestra, mantinham-se sentados em seus lugares. (DSG1002 – Quinta-feira, 04 de junho de 2009)*

Em aulas expositivas e palestras, os professores regentes, os professores de conteúdo e, em alguns casos, palestrantes convidados normalmente expõem oralmente, mas costumam lançar mão tanto do quadro de giz para anotar ou desenhar, quanto de materiais e objetos que servem para ilustrar ou exemplificar, de imagens ou vídeos, ou ainda de apresentações eletrônicas em *PowerPoint*. O uso deste último recurso é bem comum entre os professores regentes e de conteúdo, uma vez que a sala conta com o equipamento.

Durante as aulas expositivas, é possível que as atividades paralelas causem indisposições entre alunos e professores. Em alguns casos, as conversas dos alunos são inibidas e a atenção demandada para o que está sendo exposto sob a justificativa do conteúdo ser importante ou da utilidade daquilo para os projetos dos alunos. A participação dos alunos ocorre por meio do questionamento do professor direcionado a algum aluno, ou por manifestação espontânea dos alunos através de dúvidas e depoimentos que contradizem ou corroboram o que está sendo exposto.



Figura 5-2 Professora de conteúdo de texto usando o projetor durante aula expositiva

A disposição da sala durante as aulas expositivas e palestras conta com as mesas dispostas em fileira, círculo ou retângulo, onde ficam os alunos, voltando sua atenção para a direção do quadro/tela de projeção. O professor palestrante, costuma ficar à frente da sala, diante do quadro/tela de projeção dirigindo-se à turma como um todo. Esta disposição também é empregada pelos professores quando querem dar algum aviso à turma, empregando o quadro para anotação de datas e prazos (Figura 5-3).

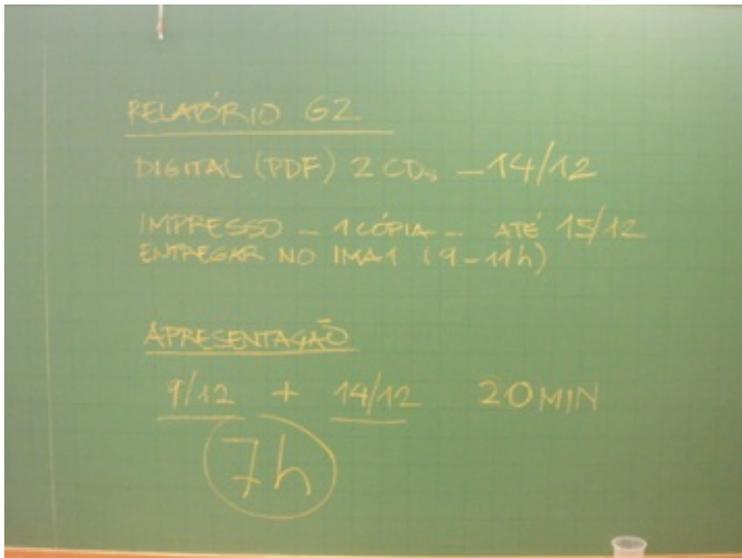


Figura 5-3 Fotografia do quadro com avisos dos professores sobre a G2

Em alguns casos mais raros as aulas expositivas/palestras assumem um formato variante constituído por uma grande mesa composta pela junção das demais. Esta disposição serve para quando o professor/palestrante pretende expor amostras de materiais para os alunos, dispondo-as sobre a mesa e falando sobre o assunto. Os alunos, costumam ficar em pé ao redor da mesa (Figura 5-4), observando a fala e a exibição dos materiais.



Figura 5-4 Alunos ao redor da mesa enquanto o palestrante fala a respeito dos materiais plásticos

Embora muitas aulas desenvolvidas por professores de conteúdo ocorram na forma de palestras, elas também podem apresentar outros formatos. Durante uma mesma aula, os diferentes professores regentes-conteudistas das disciplinas podem transitar entre um momento e outro.

### 5.2.1.2 Análise dos desenhos

A imagem abaixo (Figura 5-5) apresenta diferentes momentos de aula a partir do qual a autora encontra-se representada em destaque ao centro. Os diferentes momentos representados situam a aluna e sua dupla de projeto em diferentes situações de maneira bastante sintética. De uma maneira geral, o desenho foca nas ações da dupla e omite diversos detalhes, como a representação dos cenários e dos demais alunos.

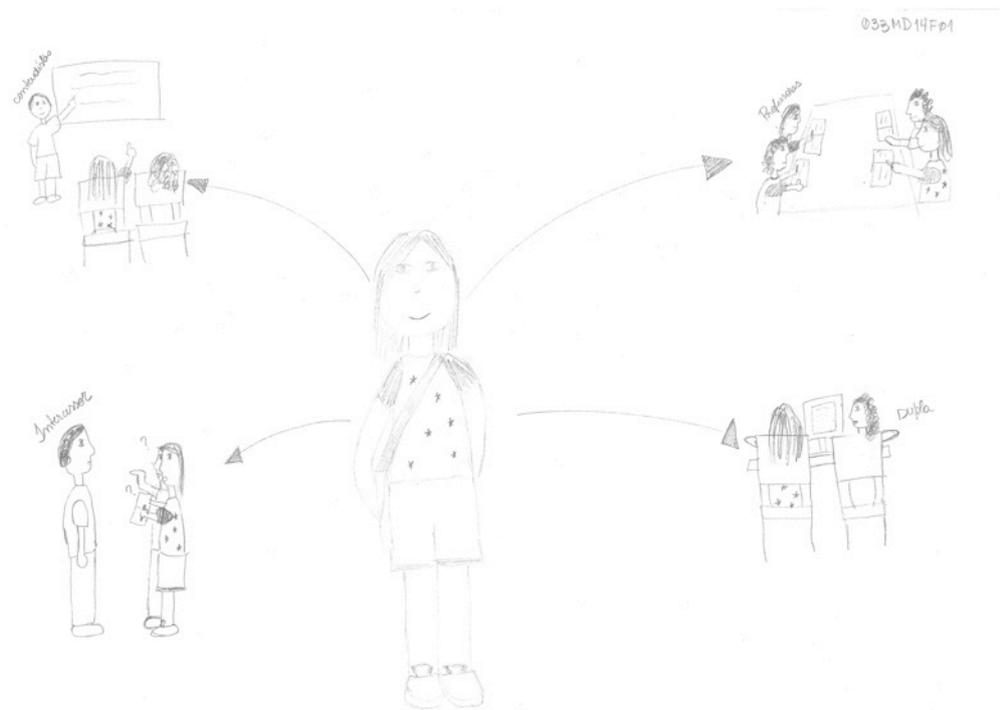


Figura 5-5 Desenho 033MD14F01 apresentado na íntegra

O foco de análise é um fragmento do desenho, situado no canto esquerdo superior. Essa parte do desenho (Figura 5-6) mostra um enquadramento normal em que o professor à frente da sala e duas alunas sentadas, assistindo a aula. A turma como um todo não aparece, mas está sintetizada na presença das duas alunas. O professor, no caso, está identificado pelo rótulo “conteudistas” que, pelo uso do plural, representa o conjunto de professores de conteúdo. A partir do posicionamento do professor à frente da sala como que explicando algo e dos alunos sentados, entendo tratar-se de uma palestra / aula expositiva.

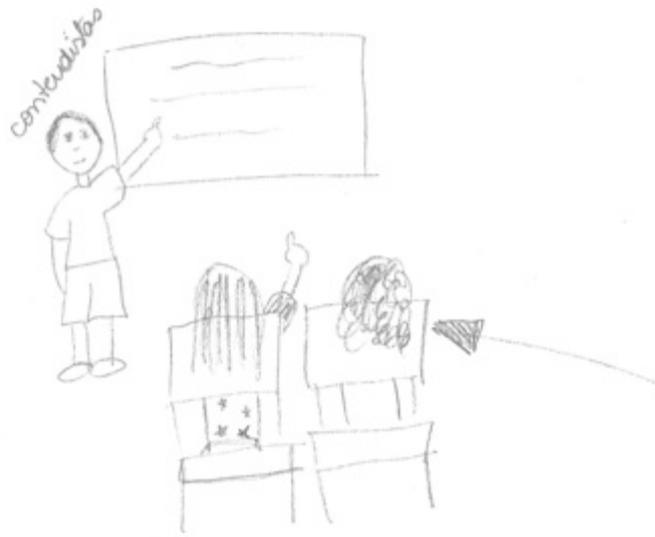


Figura 5-6 Desenho 033MD14F01 (fragmento) com professor palestrando

O professor está diante do quadro de giz (ou tela de projeção, não foi possível precisar) apontando para algum aspecto que procura enfatizar. A aluna está sentada com a mão levantada (a autora do desenho), manifestando o desejo de falar. Ao lado da aluna, uma colega e parceira de trabalho também está sentada.

O fragmento caracteriza a sala de aula apenas pelo quadro e pelas cadeiras, omitindo os aspectos da sala (paredes, piso, janelas etc.), recursos (mesas, projetor) e pessoas (os demais alunos). A representação do projeto omitindo o restante da turma apresenta a aula de projeto por uma perspectiva da dupla, atrelada ao percurso de projeto, no qual enfatiza apenas aquilo que é considerado pertinente e exclui aquilo que é considerado irrelevante.

A principal ação apresentada é a de mostrar, sinalizada pelo gesto do professor ao apontar algo no quadro. A ação de falar está subentendida pela posição e postura do professor, que ao indicar algo, parece enfatizar alguma explicação. A manifestação da aluna erguendo a mão também antecipa uma ação de fala, mas submetida à aprovação do professor, indicando também a autoridade atribuída a ele.

Nesse desenho o conteúdo não está especificado, portanto não sabemos qual o tema em questão. Em relação ao estilo, notamos o emprego de recursos visuais quadro, pela ação de mostrar, e verbais, pela implicação da ação de falar. A composição considera o professor em pé à frente do quadro protagonizando a ação e os alunos sentados voltados para ele, assistindo e falando, quando autorizados.

O desenho abaixo também apresenta diferentes momentos a partir do qual a autora mostra o desenvolvimento do projeto. Nesse caso, a sala e a turma estão representados, embora apresente casos em que apenas os alunos estão em interação entre eles ou com o professor.

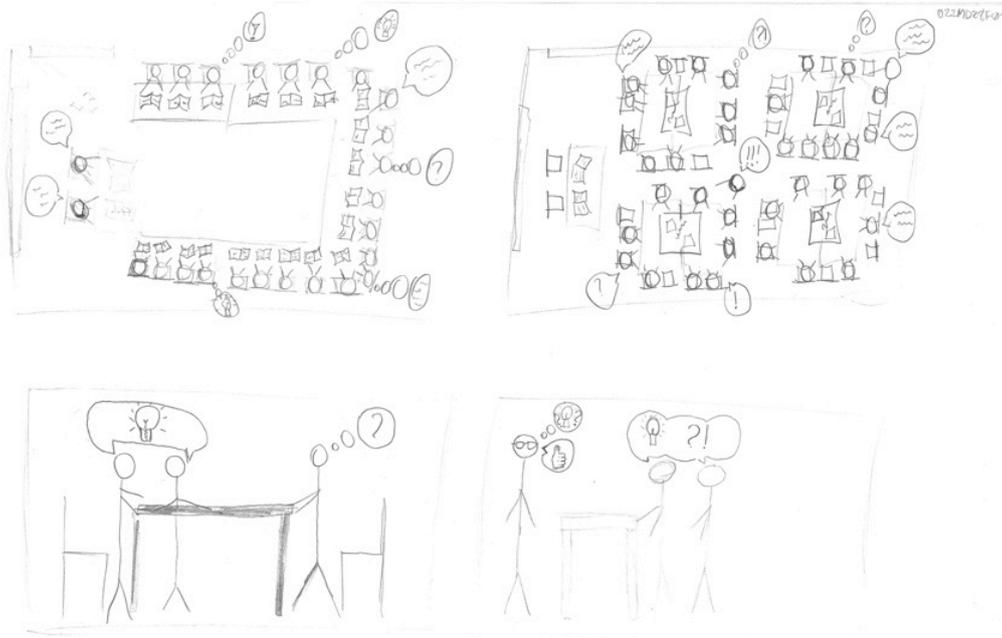


Figura 5-7 Desenho 022MD28F01 apresentado na íntegra

O foco da análise está no fragmento situado no canto esquerdo superior (Figura 5-8). Essa parte mostra um ângulo superior e apresenta a sala de aula como um todo. À frente da sala encontram-se os professores, sentados, e ao redor da sala estão os alunos. A dupla de professores foi identificada pela posição que ocupa na sala, num lugar destacado à frente da sala, diferente dos demais alunos.

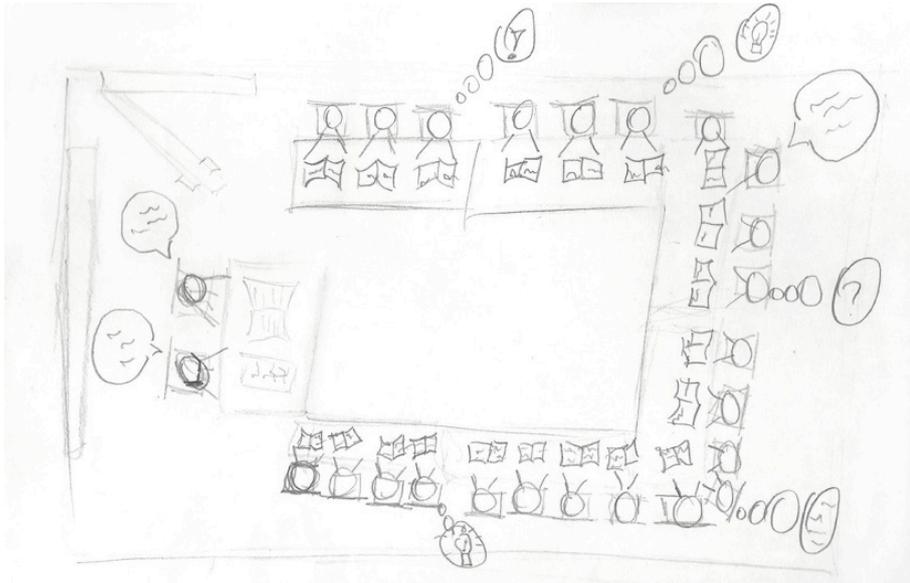


Figura 5-8 Desenho 022MD28F01 (fragmento) da aula expositiva mostrando as ações dos alunos

Os professores encontram-se sentados diante de uma mesa posicionada à frente do quadro. Os alunos encontram-se sentados diante de mesas de três lugares, organizadas no formato da letra “U”. Além das mesas, cadeiras e quadro, a aluna também representou os limites da sala por linhas e a porta da sala, semiaberta.

Sobre as mesas de professores e alunos encontram-se cadernos abertos (ou livros, difícil de distinguir).

Quanto às ações ambos os professores estão falando, indicado pelo balão de fala. Um único aluno encontra-se falando, também indicado pelo balão de fala. Os demais alunos encontram-se pensando, indicados pelo balão de pensamento, mas de maneiras distintas, indicando afirmação (ponto de exclamação), dúvida (ponto de interrogação), algum conteúdo (linhas semelhantes às de fala) ou tendo uma ideia ou insight (lâmpada acesa).

Outra ação que pode ser subentendida é a de leitura e, se tratando de cadernos, de escrita e desenho durante as aulas. Isso porque a presença dos objetos sobre as mesas sugere a importância conferida a eles durante a atividade. Ainda assim, nenhuma ação direta está sinalizada, talvez pelo pouco detalhamento das figuras humanas.

Os professores protagonizam as ações por serem a maioria falante. O pensamento, embora indique a atividade por parte dos alunos, se dá apenas na esfera individual e parece ser reativa ao que está sendo dito. A representação dá conta da diversidade de pensamentos durante a aula expositiva. Todavia, não apresenta diversidade de condutas, uma vez que todos parecem engajados na mesma atividade, sem desvios de atenção claros.

Nesse desenho o conteúdo da aula não foi indicado, o que impede de identificar o tema. Em relação ao estilo, os recursos de fala e de pensamento estão desta-

cados e de leitura e escrita estão subentendidos. A composição apresenta os professores sentados à frente da sala protagonizando a ação e os alunos ao redor da sala, ouvindo, pensando e, em menor grau, falando.

### 5.2.1.3 Considerações sobre a aula expositiva

As aulas expositivas e palestras ocorrem com frequência nas aulas dos professores de conteúdo e não são comuns nas aulas dos professores regentes. Isso porque em geral esse formato visa ao ensino de um ou outro conteúdo específico, enquanto o andamento dos projetos demanda mais tempo das orientações dos professores na dinâmica dos atendimentos. Todavia, apesar de o desenvolvimento de projetos tornar os atendimentos mais comuns, a amostra de desenhos que enquadram o momento das palestras é expressiva.

O valor atribuído pelos alunos às aulas expositivas e palestras é principalmente de ordem intelectual. Os desenhos mostram os alunos tendo ideias a partir da fala dos professores e, em alguns casos, exclamando ou interrogando em pensamento ou em palavras. Esta tendência indica, portanto, as aulas expositivas como uma situação de ensino e aprendizagem prioritariamente de conteúdos teóricos.

Em alguns casos, as aulas podem apresentar conteúdos técnicos, enfatizando produtos e processos que contribuem diretamente para o desenvolvimento dos projetos. Em um dos casos descritos, um palestrante apresentaram objetos, recursos e mostruários diversos (papel, plástico, escala de cores etc.) de modo a familiarizar os alunos com ferramentas e processos de uso cotidiano nas diferentes especializações da área. Portanto, as aulas expositivas também auxiliam na familiarização com as ferramentas e processos, no sentido de constituir um repertório de ordem prática.

O formato apresenta consenso nas representações como o posicionamento das pessoas, o detalhamento (professores mais detalhados que alunos), destaque e predominância da fala. As diferenças mais nítidas estão relacionadas aos pontos de vista adotados (frontal ou superior) e à organização e distribuição dos alunos na sala. Mas essa variação pode ser devido aos diferentes arranjos em salas de aula diversificadas.

No momento das palestras o espaço da sala de aula é empregado na íntegra, demandando a atenção de todos no espaço da sala de aula. Porém, essa demanda por atenção e engajamento de todos os alunos às vezes é respondida com distração (alunos dormindo).

Os desenhos demonstram a presença de alguns objetos empregados durante as palestras, favorecendo em especial aqueles que servem como registro (laptop, caderno, folha de papel, lápis e caneta). As interações com outros objetos (mochi-

la, estojo, pincel) não foram especificadas, aparecendo apenas sobre a mesa, mas não necessariamente em uso.

Os recursos e objetos empregados pelos professores também não estão em evidência, excetuando-se o laptop e o caderno. Ainda assim, houve pouco detalhamento sobre o uso de apresentações digitais (*PowerPoint*) ou mesmo de recursos trazidos para a sala. Nesse caso, os desenhos sobre as aulas expositivas e palestras ativeram-se mais à fala dos professores.

O tema das aulas é variado, pois depende dos conteúdos que são apresentados. Pode tratar de técnicas e processos, ou mesmo aspectos teóricos que possuam algum vínculo com o projeto. Embora variado, o conteúdo temático das palestras deve, a princípio, se relacionar ao desenvolvimento de todos os projetos em geral.

Em relação ao estilo, os recursos empregados variam, mas prevalecem a fala, de maneira afirmativa por parte dos professores e frequentemente acompanhada de recursos visuais e textuais, como as apresentações em *PowerPoint*. Por parte dos alunos, prevalece o pensamento, questionando, assimilando ou gerando ideias e, em alguns casos a fala, de maneira interrogativa. Os cadernos não aparecem com frequência e, quando a aparecem, o seu uso não está claro sobre o papel que exerce.

A estrutura composicional apresenta um posicionamento típico em relação aos professores e palestrantes, que aparecem sempre à frente da sala. Já o posicionamento dos alunos, sempre mais afastados do quadro, varia entre o arranjo em fileiras, em retângulo (ou a variante aberta em forma de “U”) ou ainda, em casos mais raros, no formato de uma grande mesa composta pelo encaixe das mesas.

As aulas expositivas e palestras são os momentos que mais se assemelham a uma aula convencional. Isso porque é um formato no qual o professor está à frente da sala e os alunos estão ao redor ou em filas. A ação costuma ser protagonizada pelo professor, os demais alunos estão retratados em atitude responsiva ativa (recebendo informação e devolvendo a informação de modos diferenciados, como indagações, reflexões, indiferença...). Nos arranjos e nas posturas a hierarquia fica clara: o professor está em destaque e é tratado como autoridade, enquanto os alunos estão em segundo plano, tanto no posicionamento, como na caracterização e nas atitudes.

A hierarquia e autoridade dos professores aparece neste momento nas ações e na ordenação da sala de aula. À frente da sala, de pé, os professores exercem o poder, tanto ao falar como ao reprimir aqueles que estão distraídos ou que “atrapalham” a aula, como mostra o caso narrado no capítulo 3. A partir de um ponto de vista privilegiado, o poder disciplinar dos professores se manifesta. Aos alunos cabe acolher ou rejeitar, seja de maneira explícita ou simulando o engajamento.

Ressalto que a distração e o não engajamento não está tão presente nos desenhos como me pareceu durante a observação das aulas. Há toda uma diversidade de

atividades paralelas que não foi retratada, tais como leitura de livros e revistas, conversas, desenhos etc. Isso talvez porque o foco da ação foi privilegiado e os alunos destacaram os professores, em alguns casos, até omitindo a presença de outros alunos.

## 5.2.2 Atendimentos

### 5.2.2.1 Observação

*A professora regente chegou na sala para a aula e foi chamada por uma dupla de alunos. Ela sentou-se diante de uma das mesas junto à dupla, que depois cedeu o lugar para outras duplas, sucessivamente. Enquanto isso, o professor realiza o atendimento indo de mesa em mesa, parando para atender aqueles alunos que o solicitam.*

*Uma dupla de alunos sentou-se junto à professora, colocando sobre a mesa uma caixa de onde tirou papéis, cartões, sacos de tecido e cubos de madeira, mostrando suas ideias para a experimentação. Naquele projeto, os alunos trabalhavam com o ensino de música para crianças e identificaram uma dificuldade de aprendizagem em relação às notas musicais. Como proposta, os alunos pretendiam criar uma brincadeira em que as crianças pudessem sortear um conjunto de notas para tocá-las no teclado. Outra proposta era a construção de um teclado de papel, a partir do qual os alunos poderiam memorizar as notas e as posições.*

*Os alunos estavam em dúvida sobre qual proposta levar para a experimentação. A professora sugeriu que trabalhassem ambas as propostas e verificassem no uso sua repercussão e aceitação. A professora também ressaltou a importância do acabamento dos experimentos, pois objetos coloridos e bem acabados poderiam influenciar nas escolhas, em detrimento de objetos mais rústicos.*

*Outro aluno, que no caso trabalhava sozinho, sentou-se para o atendimento. Ele narrou seu projeto, que se passava em um curso de dança para pré-adolescentes. Como ele afirmava não saber dançar, tinha dúvidas sobre aspectos em que poderiam contribuir para a aula de dança. Entretanto, ele havia identificado as dificuldades em relação à aprendizagem da coreografia, especialmente por que os ensaios se alternavam em espaços com dimensões diferentes, o que dificultava a ocupação dos lugares.*

*A professora sugeriu que pensasse em possibilidades de atuação para aquela situação. A partir daí, o aluno formulou uma proposta de jogo coreográfico, em que a professora empregaria códigos associados aos passos da coreografia. Outra proposta formulada foi o desenvolvimento de um sistema para marcação dos espaços na sala, a fim de delimitar onde os dançarinos deveriam ficar.*

*Ao perceber as possibilidades de experimentos, o aluno saiu manifestando satisfação por ter encontrado soluções.*

*Enquanto os alunos eram atendidos, alguns aguardavam sua vez, enquanto outros trabalhavam ou realizavam outras atividades. Uma aluna aproveitava o tempo de espera para realizar um trabalho de outra disciplina em seu laptop. Alguns alunos não estavam na sala, tinham ido trabalhar na construção do produto no laboratório de volume. (DSG1002 – terça-feira, 16 de junho de 2009)*



Figura 5-9 - Professora atendendo o aluno durante a fase de experimentação

Os atendimentos são momentos recorrentes ao longo da maioria das aulas nos quais os alunos apresentam e tiram dúvidas sobre seus projetos junto aos professores regentes. Na medida em que os alunos são informados sobre a proposta e o planejamento das aulas, os professores regentes passam a ministrar as aulas na forma de atendimentos. Nesse formato, as duplas de alunos narram seu percurso, apresentam ideias e discutem com os professores regentes questões específicas sobre seus projetos. Os atendimentos podem ser feitos junto à dupla de professores, mas é comum os professores se dividirem de maneira a atender o maior número de alunos possível.

Normalmente, assim que os professores regentes chegam à sala, são demandados pelos alunos a esclarecerem dúvidas ou discutir seus progressos. Conforme as datas de avaliação se aproximam, a demanda por orientações cresce e a prática de fazer listas com ordem de atendimento passa a se tornar corriqueira. De acordo com a demanda das orientações, seja raro atender a todos os alunos em uma única aula. Por esse motivo, os professores tentam evitar atender os mesmos grupos em aulas consecutivas, de modo a garantir que todos tenham vez.

Os professores estavam atendendo os diferentes grupos, visitando os alunos de mesa em mesa. Naquele momento cada mesa era dominada por um grupo que se encontrava reunido trabalhando em seus projetos. Raros eram os casos em que as atividades não estavam ligadas ao projeto. Um dos grupos, formado apenas por mulheres, chamou a professora para auxiliar no detalhamento do produto. Elas trabalhavam em um catálogo sobre o Fashion Rio e mostraram o que havia sido feito em um laptop, apresentando as telas no programa de diagramação.

Nesse caso contavam com a experiência e conhecimentos da professora que dominava o programa de diagramação e possuía experiência em Design gráfico. A professora se aproximou do grupo teceu comentários sobre o que estava sendo feito, sugeriu algumas modificações e deu algumas dicas sobre o uso do programa. A professora percebeu que precisaria explicar o processo de impressão e encadernação, para que o grupo conseguisse detalhar o produto. Assim a professora pegou o caderno de uma das alunas e passou a anotar algumas informações, acompanhadas de desenhos esquemáticos. Os desenhos ilustravam a montagem dos cadernos no processo de impressão. (DSG1005 - segunda-feira, 30 de novembro de 2009)



Figura 5-10 – A professora anota e desenha no caderno da aluna as informações sobre processos gráficos

Desde a escolha do local de projeto, nos casos do Design em Parceria, até a entrega dos relatórios, os alunos buscam o atendimento dos professores. Às vezes, quando as dúvidas tornam-se recorrentes, os professores podem transitar do aten-

dimento para uma situação de aviso ou mesmo preparar uma aula expositiva à respeito do assunto para que todos os alunos sejam informados.

A iniciativa para realizar o atendimento normalmente parte dos alunos, mas quando os professores notam que determinadas duplas não os tem procurado, vão ao encontro dos alunos, ora questionando-os sobre o andamento dos projetos, ora oferecendo ajuda, ou mesmo para mostrar alguma coisa que tenham associado àquele projeto específico.

O atendimento costuma ser uma forma de conversa da dupla de projeto com o professor, em que os alunos relatam as atividades que fizeram e pedem orientação sobre os próximos passos. Em alguns momentos, a conversa abre espaço para se mostrar alguma coisa, seja um desenho que explique o local de projeto, seja uma fotografia de um objeto que inspirou o aluno, seja o material que foi comprado para a experimentação. Não é apenas o aluno que mostra coisas ao professor, há casos em que os professores trazem livros, revistas, imagens ou mesmo materiais que podem auxiliar os alunos em seus projetos.



Figura 5-11 O professor (de vermelho) mostra aplicativo no celular durante o atendimento

Os cadernos de projeto também são usados durante o atendimento, seja para mostrar estudos de objetos desenhados pelos alunos, para registrar informações rele-

vantes da conversa, ou mesmo para a intervenção direta do professor (Figura 5-10), no sentido de explicar alguma coisa ao aluno escrevendo ou desenhando no caderno.

Enquanto os professores atendem os alunos, os demais alunos ficam livres aguardando sua vez enquanto realizam atividades paralelas. Há também situações em que os alunos sentam-se para ouvir o atendimento a outro grupo, mas esses casos são raros. Ocorrem, algumas devido a certa urgência do aluno em ser atendido (quando ficam antes do atendimento) ou quando esperam algum colega para ir embora (quando ficam depois do atendimento).

Como o atendimento ocorre simultâneo a outras atividades na sala (inclusive ao atendimento do outro professor), a disposição espacial possui o centro da ação restrita a uma fração da sala. Em geral o professor e os alunos se reúnem em torno de uma mesa, sentados ou em pé, empregando recursos visuais e materiais para mostrar, ou apenas narrando oralmente. O centro da ação encontra-se na reunião entre professores e alunos ao redor da mesa do professor ou dos alunos. Na periferia da ação encontram-se os alunos engajados em outras atividades, sejam elas relacionadas ou não aos projetos.

#### **5.2.2.2 Análise dos desenhos**

A imagem a seguir (Figura 5-12) apresenta um momento único, mas com atividades simultâneas. A imagem situa professores à frente da sala, alunos ao redor dos professores, sentados ou em pé, e monitores próximos a alguns alunos. O desenho não estabelece um foco único, mas apresenta um conjunto de ações, enfatizando também a expressão das pessoas.



Figura 5-12 Desenho 022MD11M01 mostra a turma durante o atendimento

Entre as atividades dos alunos, o desenho mostra alunos dormindo (sinalizado pela onomatopeia “zzz”), conversando, brigando (caveiras e raios próximos acompanhados de expressão zangada), escrevendo (ou desenhando), em dúvida. Em relação às expressões há irritação (fumaça sobre a cabeça), alegria (sorriso), espanto (ou desespero, marcado por linhas saindo da cabeça).

A sala representada, pela composição trata-se de uma das tendas (ART<sub>4</sub> ou 5) devido ao formato circular e a presença de mesas, apesar de não sinalizar claramente a presença do toldo e do revestimento de vidro. A opção pela representação da tenda evidencia uma opção do aluno, pois não retratou a sala em que estava cursando o projeto e que realizou a tarefa, no caso L532, uma sala retangular.

O foco de análise aqui não está visualmente delimitado, mas compreende o grupo junto ao quadro composto pelos professores e os alunos ao seu redor. Essa parte do desenho (Figura 5-13) mostra a dupla de professores sentada à frente do quadro (identificados pelo chapéu identificado na legenda). Os alunos estão ao redor, uma dupla sentada à esquerda e outra dupla com um integrante em pé mostrando um objeto com formato de almofada e outro sentado sobre uma mesa falando (linhas saindo da boca). Pelo posicionamento das pessoas e a ocorrência de diferentes atividades paralelas evidencia tratar-se de um atendimento.



Figura 5-13 Desenho 022MD11M01 (fragmento) com os alunos e professores durante o atendimento

Um dos professores aparece distraído, com o olhar voltado para um inseto, enquanto o outro aparece irritado com os dentes cerrados e sobrancelhas arqueadas e uma faísca saindo da cabeça, reagindo aos alunos e demonstrando briga ou uma cobrança enfática. A dupla de alunos em atendimento, à direita, aparece com expressões tranquilas, um deles está em pé e mostra uma almofada enquanto o outro está sentado sobre a mesa enquanto fala (mostrando uma postura informal ao modificar a função do objeto). Os alunos à esquerda dos professores, estão retratados em situação de desespero. Os olhos estão arregalados, as bocas abertas, gotas de suor e linhas de ação, semelhante a algumas convenções visuais de mangá (quadrinhos japoneses) demonstram a ansiedade. O braço de um deles está levantado, enquanto ambos olham para os professores, como que aguardando nervosamente pela vez deles no atendimento.

Na cena estão representados alguns aspectos do espaço e os objetos da sala de aula, como o quadro, mesas e cadeiras. Alguns aspectos foram omitidos como a lona, iluminação, tela de projeção e refrigeração. No quadro há anotações, mas não há referência direta a ela durante o atendimento. Além dos recursos presentes na sala, também foram retratados os objetos trazidos pelos alunos, como a almofada e os objetos de forma geométrica apoiados sobre a mesa.

As principais ações apresentadas são as de falar e mostrar, protagonizada pelos alunos em atendimento. Outras ações são reativas, como a expressão do professor e dos alunos que aguardam sua vez no atendimento.

Nessa parte do desenho, o conteúdo temático diz respeito ao projeto dos alunos em atendimento, embora não haja indicações do que o projeto trata. Pela

maneira como os diversos objetos estão em evidência, parece tratar da etapa de geração de alternativas. Em relação ao estilo são empregados os objetos conjugados com a fala, implicando as ações de falar e mostrar. A composição apresenta os alunos em pé e sentados, falando e mostrando os seus projetos aos professores que estão sentados ouvindo e reagindo aos alunos. A composição corresponde a um fragmento do espaço, onde ocorrem outras atividades.

O desenho a seguir (Figura 5-14) mostra uma sequência de momentos, evidenciando as diferentes etapas do projeto. A representação está focada acompanhando o aluno, sinalizado pela mochila nas costas, ao longo dos momentos, omitindo o restante da turma e o cenário mais geral em que as ações se inserem. Apenas os objetos mais próximos do aluno aparecem, como mesas, cadeiras, folhas de papel e o laptop. Ao longo das etapas o aluno aparece interagindo com uma outra aluna (os alunos apresentam camisas estampadas e a mesma altura) e depois com dois professores diferentes, indicados pelo uso dos óculos e por serem mais altos, e trabalhando individualmente. Cabe ressaltar que a autora do desenho estava cursando o projeto de conclusão, no qual os projetos são realizados individualmente.

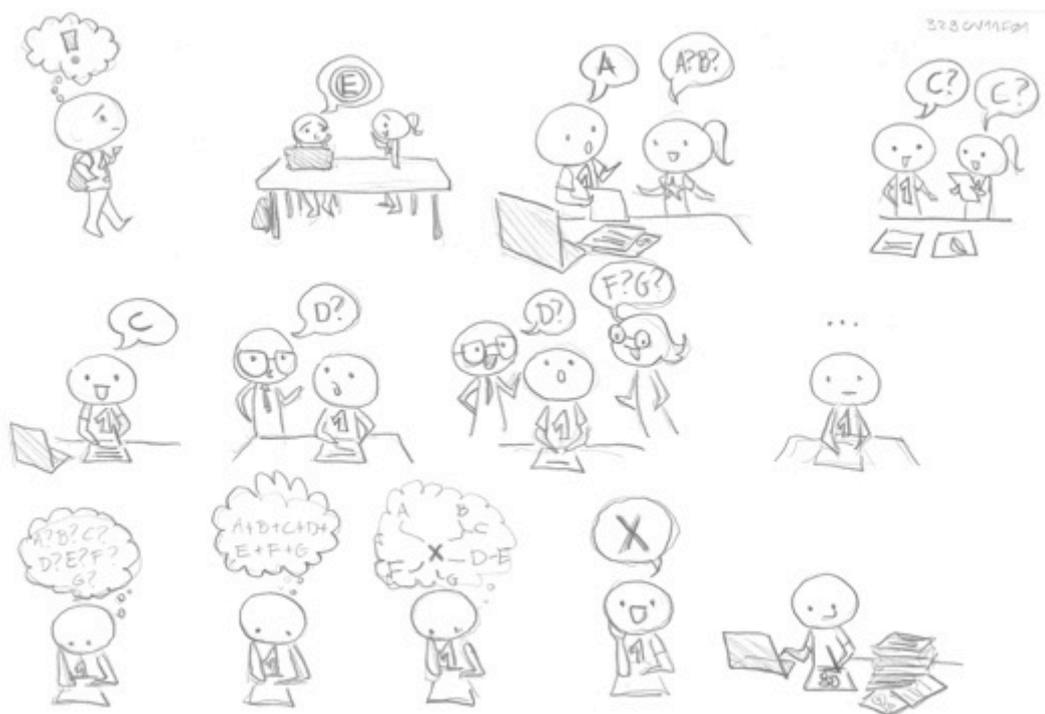


Figura 5-14 Desenho 329CV11F01 mostra os momentos da aula e diferentes professores atendendo os alunos

As diferentes etapas apresentadas no desenho mostram o processo de projeto mediante uma sequência de 13 (ordenados da esquerda para direita e de cima para baixo, seguindo forma de leitura ocidental). A segmentação se dá pela separação entre uma parte do desenho e outra. A sequência se dá porque em cada fragmento o aluno apresenta um estágio da ideia (representadas por letras) que progridem alfabeticamente até chegar à ideia final (no caso a letra “X” representa a síntese das demais letras).

Em relação à representação, a aluna optou por representar outra pessoa que não ela, estabelecendo o foco na ação de um aluno. A estampa na camisa do aluno sugere que se trate de um bom aluno, “o aluno número 1” do curso, enquanto sua colega também é uma aluna destacada entre os alunos, pois possui uma estrela na camisa, podendo representar uma monitora ou “boa aluna”. A distinção de sexo está representada pelo cabelo presente nas personagens femininas.

O foco da análise consiste em uma das etapas separadas espacialmente, localizada no centro da figura. O fragmento (Figura 5-15) apresenta o aluno (aparentemente sentado) diante de uma mesa um professor de cada lado, falando com ele. A presença dos professores juntos ao aluno, separado do restante da sala revela tratar-se de um atendimento.



Figura 5-15 Desenho 329CV11F01 (fragmento) destacando o momento de atendimento

No fragmento um professor aparece em pé à esquerda do aluno falando com um braço erguido em postura de quem explica algo, sugerindo ou questionando uma ideia (sinalizada pela letra “D?”). Uma professora à direita aparece em postura semelhante e falando como se sugerisse ou questionasse duas outras ideias

(“F?G?”). O aluno encontra-se no centro com um papel sobre a mesa olhando para cima e com a boca aberta, sinalizando atenção e/ou perplexidade.

A sala e os objetos presentes não estão apresentados, há apenas uma mesa em uma folha de papel sobre ela. Porém, em outros momentos da sequência o aluno aparece mostrando o papel para a outra aluna, como se nele estivesse representada a proposta de projeto.

A principal ação nesse fragmento é a de falar, no caso questionando, as ideias do aluno. As ações no caso foram protagonizadas pelos professores e o aluno demonstra atenção ao que é dito, pois posteriormente (em outras etapas) incorpora os questionamentos e os sintetiza. O diálogo não está sinalizado no fragmento em questão, mas pelos demais desenhos é possível compreender que os professores já sabem do que o aluno está tratando, uma vez que dão sequência às ideias. Portanto, o aluno já deve ter se manifestado, apresentando ou mostrando para os professores da mesma forma que fez com a aluna, no terceiro desenho da sequência. Também a ação de pensar só é apresentada depois, mas faz referência às ideias apresentadas no momento de atendimento.

O emprego dos recursos não é claro no fragmento, mas pela sequência é possível identificar que o aluno mostra a folha para a aluna e trabalha sobre ela (lendo, escrevendo ou desenhando) além de empregar o laptop no trabalho.

O conteúdo temático é apresentado de maneira genérica, diz respeito ao projeto do aluno, discutindo algumas ideias (identificadas pelas letras “D”, “F” e “G”). O estilo empregado reflete as ações de fala, no caso protagonizada pelos professores e nenhum outro recurso é apresentado naquele momento, embora pelos outros momentos subentende-se a leitura, escrita, desenho sendo mostrados durante o desenvolvimento das ideias. A composição apresenta o aluno sentado ouvindo, acompanhado pelos professores em pé falando. A composição é um fragmento do espaço maior que não foi representado.

### **5.2.2.3 Considerações sobre atendimento**

O atendimento é um momento recorrente da aula de projeto cuja importância se dá tanto por ocupar a maioria das aulas dos professores regentes, como por se tratar do momento mais recorrente nos desenhos dos alunos. Uma das principais funções atribuídas ao atendimento está no desenvolvimento das ideias ao longo do projeto, compreendendo as etapas de conceituação e geração de alternativas. Diversos desenhos indicam balões de pensamento e lâmpadas, sinalizando o caráter intelectual e criativo do momento. Porém, há também aspectos referentes às etapas de planejamento, quando os professores orientam no sentido das atividades e no detalhamento, quando a orientação diz respeito às especificações dos produtos.

Nesse sentido, as opiniões diferentes manifestadas por professores e alunos assumem um papel fundamental que favoreça a uma síntese de diferentes pontos de vista e contribua para o projeto, estabelecendo o atendimento segundo a função de orientar o desenvolvimento dos projetos.

O processo envolve diferentes sentimentos, conforme aparece nos desenhos, além de dúvidas e incertezas. Alguns casos mostram preocupação, nervosismo, desespero, irritação, tranquilidade, descontração. Professores e alunos compartilham alguns desses sentimentos ao longo dos atendimentos e, em alguns casos, fora deles. Essas mudanças de humor sinalizam que trata-se de um processo dinâmico, com altos e baixos que afetam tanto os alunos como os professores.

Os desenhos mostram que a atitude de alunos e professores pode ser ora mais ativa, ora mais passiva. Em alguns casos, os alunos procuram os professores, expõem e questionam. Em outros casos, são os professores que vão atrás dos alunos (com direito à broncas e caras feias). Portanto, a iniciativa é diversificada e pende para os dois lados.

A disposição de atendimento é característica, agrupando alunos e professores em torno de uma mesa. Entretanto, o ponto de vista adotado nos desenhos privilegia ora alunos, ora professores. Da mesma forma, a mesa pode pertencer aos alunos ou aos professores, o que confirma a alternância da iniciativa. Como os desenhos não privilegiam apenas um ou outro, compreendo que nos atendimentos a relação é mais equilibrada, ou seja, menos hierarquizada.

O tema dos atendimentos varia de acordo com os projetos, mas como sua função está ligada à orientação sempre diz respeito ao andamento de determinado projeto, caso a caso.

Em relação ao estilo, a fala é bastante presente, seja na narração e descrição ou no diálogo sobre as ideias do projeto. A fala aparece articulada com a exibição de objetos relacionados ao projeto como desenhos, modelos, protótipos apresentados pelos alunos e, em alguns casos, evidenciado pelos professores como descrito na observação em relação ao emprego do celular e a anotação no caderno.

A estrutura composicional compreende um pequeno núcleo formado pelos professores (em dupla ou não) e os alunos (em grupo ou individual), restrito à uma fração da sala, normalmente ao redor de uma mesa. O atendimento é um momento que admite outras atividades paralelas na sala, devido ao fato de a atenção dos professores estar voltada apenas a uma parcela dos alunos.

Durante os atendimentos, a autoridade dos professores é retratada de diferentes maneiras. No primeiro desenho, um professor aparece zangado com os alunos, em sinal de desaprovação, o que evidencia um caráter mais autoritário sobre as escolhas dos alunos. No segundo desenho os professores questionam o aluno, causando

dúvidas que o mobiliza a agir. Assim, o atendimento admite ambas as posturas, depende do estilo de mediação adotado ou da maneira como alunos e professores encaram o processo de orientação, ora como julgamento ora como sugestão.

### 5.2.3 Apresentações

#### 5.2.3.1 Observação

*A aula começa, é dia de apresentações. O professor solicita que os alunos auxiliem na reorganização da sala, virando todas as cadeiras para o fundo da sala, de costas para o quadro. A professora da disciplina não estava presente, mas outra professora foi convidada para constituir uma banca avaliadora. O momento foi chamado de Go (“gê-zero”) e funcionaria como uma prévia da primeira avaliação (G1). Embora não fosse atribuída nota às apresentações, os projetos seriam avaliados e comentados pelos professores de modo a se verificar o progresso dos alunos.*

*Os alunos que apresentam começam a fixar os cartazes no carpete ao fundo da sala utilizando os dispositivos desenvolvidos com velcro e clip de papel. Os cartazes de tamanho A3 (29,7 x 42 cm) eram ilustrados e escritos, feitos à mão. Depois de fixar os cartazes, os alunos possuíam cinco minutos para apresentar e falar do local escolhido, do parceiro e narram quais atividades ocorrem no local de desenvolvimento do projeto.*

*Enquanto uma dupla de alunos se apresenta, a outra dupla organiza seus cartazes, fixando-os na outra metade da parede. A ordem de apresentação fora pré-estabelecida na aula anterior, portanto os alunos já sabiam quando iriam apresentar. O professor havia organizado daquela forma para que todos os alunos tivessem condições para apresentar, portanto ele controla o tempo de apresentações para que os alunos não extrapolem e prejudiquem as outras apresentações.*

*Ao término da exposição de cada grupo, os professores comentam as etapas percorridas e a qualidade da apresentação. São feitos comentários sobre o tema escolhido, o local, o equilíbrio na fala dos integrantes, a qualidade dos cartazes, entre outros aspectos. (DSG1002 – terça-feira, 31 de março de 2009)*



Figura 5-16 - Apresentação dos projetos dos alunos utilizando cartazes

As apresentações consistem em momentos pontuais ao longo do curso em que os alunos mostram seus projetos para a turma e para os professores regentes. Durante as apresentações, os grupos se revezam expondo seus projetos para os professores e o restante da turma, mediante a fala e o emprego de recursos visuais, como cartazes, modelos e apresentações digitais em *PowerPoint* ou PDF (*Portable Document Format* – criados a partir de diversos programas).

Normalmente as apresentações ocorrem em momentos chave da disciplina e estão associadas a situações de avaliação. Todavia, na disciplina DSG1005 que observei, havia pequenas apresentações dos alunos com grande frequência no início do projeto, pois fazia parte da abordagem. Embora possam variar em quantidade, normalmente há ao menos duas apresentações para cada grupo vinculadas à avaliação: uma no meio do período (G1) e uma ao final do período (G2). Outra prática que se tornou comum é uma prévia da apresentação de G1, chamada de G0, em que os alunos mostram seus projetos, e a G1,5 (como prévia da G2), mas estes momentos não são avaliados com o rigor das outras apresentações.

O grupo de alunos se posicionou à frente da sala que estava organizada em fileiras. Os professores regentes estavam posicionados na primeira mesa da fileira enquanto os demais alunos posicionados nas outras mesas. Os alunos do grupo utilizaram a borda do quadro para posicionar suas pranchas (impressos colados em uma superfície rígida). Eram sete, ao todo, a maioria no tamanho A3 (42x21cm).

O grupo optou por não usar uma apresentação digital, diferenciando-se de todos os grupos anteriores. No lugar disso trouxeram as pranchas como forma de apresentação. Também vieram aparados de objetos que conceberam: uma maquete que representava em escala o espaço que haviam concebido; almofadas com estampas e o “casulo” uma rede de pendurar que serviria como banco.

O projeto tratava-se de uma exposição paralela ao Fashion Rio para valorizar a produção artesanal e a tradição da renda de bilro. Como toda abordagem dos alunos estava ligada aos aspectos sensoriais voltados para a produção manual, a opção pelas pranchas no lugar de PowerPoints foi consciente para criar coerência entre a forma e o tema.

Enquanto apresentavam se referiam às pranchas e depois apresentaram os diferentes produtos. O “casulo” e as almofadas eram protótipos em tamanho natural, enquanto a maquete apresentava estes mesmos objetos em tamanhos reduzidos.

Durante a apresentação, os professores regentes ouviam e realizavam anotações. Conforme os produtos foram apresentados eles manipulavam e analisavam os produtos, demonstrando interesse. Ao fim da apresentação os professores fizeram comentários positivos tanto em relação ao processo dos alunos quanto à apresentação. (DSG1005 - segunda-feira, 14 de dezembro de 2009)

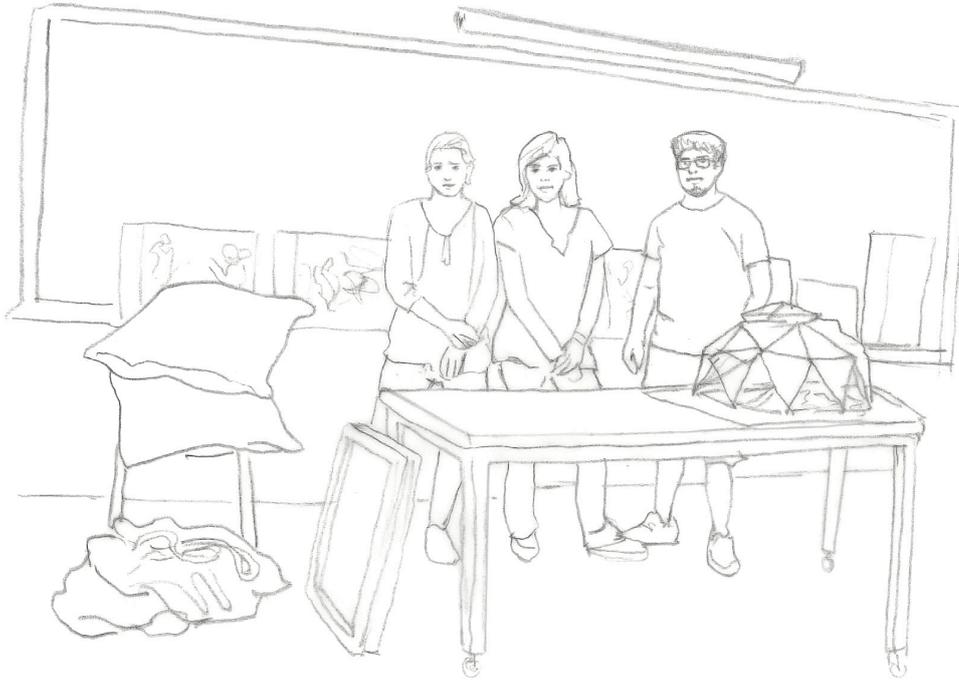


Figura 5-17 – Alunos com suas pranchas e objetos durante a apresentação

O uso de recursos não é apenas estimulado, como também é exigido: os alunos devem mostrar o processo através dos desenhos, modelos e experimentos realizados até chegar ao produto (Figura 5-18 e Figura 5-19). Um modelo ou protótipo deve ser apresentado ao final, seja ele digital ou físico, como amostra do resultado alcançado. Todos os projetos do curso possuem momentos de apresentações, assinalando sua importância de tal forma que não é possível desenvolver um projeto sem apresentá-lo.



Figura 5-18 Conjunto de objetos e experimentos desenvolvidos por alunos no projeto 1002

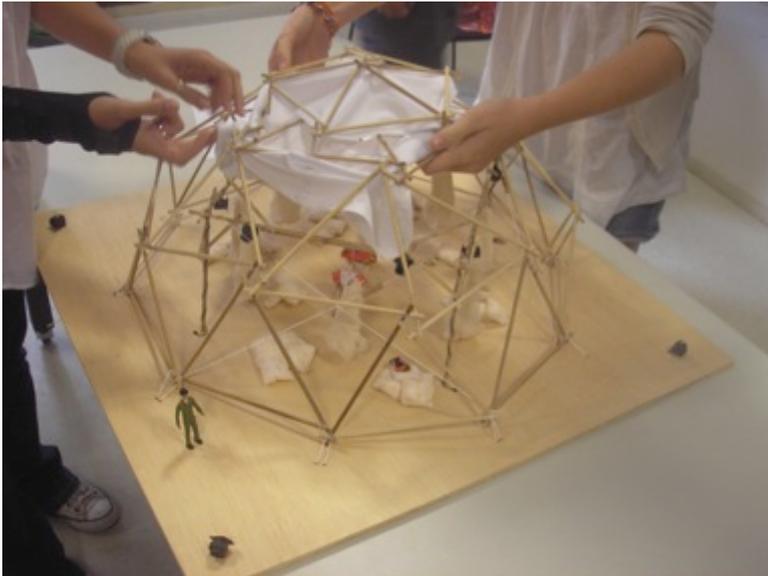


Figura 5-19 Modelo em escala (maquete) desenvolvido por alunos no projeto 1005

A disposição espacial acompanha esta lógica e a sala é utilizada e organizada como que uma aula expositiva, com carteiras em fila ou em círculo, voltados para o quadro. No entanto são os alunos que ficam no local comumente atribuído ao professor, à frente da sala, junto ao quadro ou tela de projeção. Os professores sentam-se em uma das filas ou na disposição de uma banca avaliadora, com uma mesa no centro ou ao fundo da sala, diante dos alunos (Figura 5-20). Em alguns casos, os professores de conteúdo e outros professores do curso de Design são convidados a compor a banca avaliadora.



Figura 5-20 Professores (de costas) acompanham a apresentação durante a G2 no fundo da sala

Diferentemente dos momentos de atendimento, na qual o grupo expõe o andamento do projeto ou discute questões pontuais apenas com os professores, as

apresentações demandam um relato do processo envolvendo toda a turma. A associação com a avaliação o posicionamento dos alunos à frente da sala torna o momento mais formal que os demais, no qual a avaliação é evidente e o tempo é rigidamente controlado tanto para a fala de alunos como dos professores.

Normalmente as apresentações ocorrem em momentos chave da disciplina e estão associadas a situações de avaliação. Embora possam variar em quantidade, normalmente há ao menos duas apresentações para cada grupo de alunos que coincidem com a entrada de graus no calendário acadêmico. No caso da apresentação de G1 é comum que os alunos apresentem as etapas relacionadas à definição do tema de projeto, problematização, geração de alternativas e definição de partido. Já na apresentação de G2 espera-se que os alunos narrem todo o processo e apresentem o protótipo ou modelo do produto desenvolvido (quando aplicável), evidenciando o detalhamento técnico necessário. As etapas podem variar de acordo com a disciplina, os professores ou as singularidades de cada projeto.

Embora os alunos sinalizem a importância da apresentação, este não é o único momento de avaliação. A avaliação do processo fica evidente quando os professores comentam aspectos e momentos não relatados na apresentação, como a frequência e dedicação dos alunos, ou mesmo as dificuldades deste ou daquele projeto.

Ademais, alguns professores sentem a necessidade de estabelecer apresentações em momentos intermediários como forma de verificar o andamento dos projetos. A “G Zero”, por exemplo, foi verificada nas duas turmas observadas e funciona como uma “prévia” da G1, antecipando os possíveis problemas da G1. Outra apresentação intermediária é a “G 1,5”, que funciona de maneira análoga à G0 mas antecipando questões para a G2.

O fato de se relacionarem com os momentos de avaliação faz com que os momentos sejam valorizados por professores e alunos, gerando comentários e criando expectativas e ansiedade por parte de alunos e professores. Com isso, é comum que se discuta o que deve ser exposto ou que etapas devem ser cumpridas até determinada apresentação. Os demais alunos que não estão apresentando são cobrados pelos professores a estarem presentes e atentos nas apresentações. É comum que os professores justifiquem esta cobrança afirmando que a apresentação funciona como aula e, portanto, tem presença obrigatória.

Contudo, devido à associação com a avaliação, é comum que muitas atividades paralelas ocorram, como conversas, desenhos, além do emprego do tempo para a finalização de recursos utilizados na apresentação, ou atrasos devido à finalização de relatórios. Durante as apresentações não chega a ser raro o caso de alunos que chegam minutos antes de suas respectivas apresentações, por estarem

ocupados finalizando algo. Outra situação possível é os alunos se retirarem da sala após suas apresentações, esvaziando a sala (Figura 5-21).



Figura 5-21 Sala vazia durante a apresentação da dupla na G2

### 5.2.3.2 Análise dos desenhos

A imagem a seguir apresenta três momentos distintos e sequenciais, separados espacialmente e ligados por setas. nos quais encontram-se os professores e os alunos. Num primeiro momento há uma aula expositiva, em seguida o grupo de alunos discutindo entre si e no terceiro momento a apresentação dos alunos para a turma e para os professores. O desenho é sintético e apresenta apenas alguns aspectos que caracterizam as pessoas, o espaço e os objetos presentes. Na maneira como foi elaborado, o desenho confere um detalhamento diferenciado aos aspectos que a autora quis valorizar. Assim, o grupo de alunos é mais detalhado que os professores, que por sua vez são mais detalhados que os demais alunos.

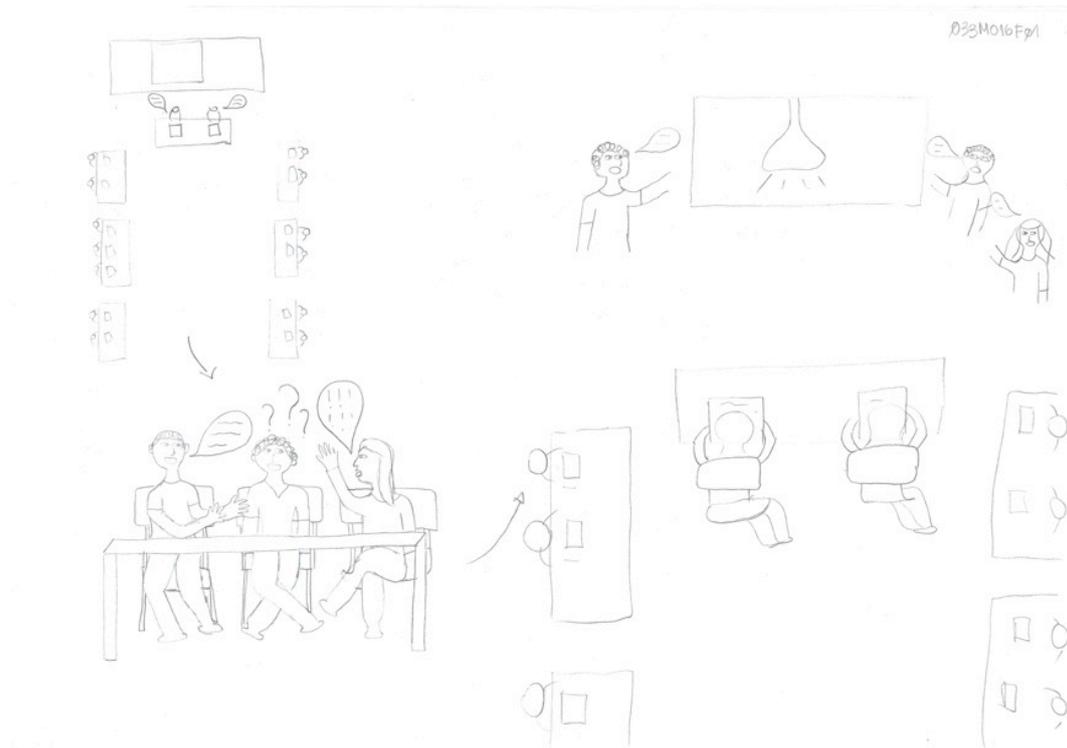


Figura 5-22 Desenho 033MO16F01 na integra

O foco de análise aqui está no terceiro momento, representado na parte direita da imagem. Essa parte do desenho (Figura 5-23) mostra o trio de alunos em pé (embora os membros inferiores tenham sido omitidos) à frente do quadro (ou tela de projeção). Os professores estão sentados diante de uma mesa voltada para os alunos, numa composição de banca examinadora. Os demais alunos estão ao redor da sala, sentados diante de suas mesas. Pela posição dos alunos e dos professores, bem como as posturas, o fragmento trata de uma apresentação.



Figura 5-23 Desenho 033MO16F01 (fragmento) retratando a apresentação dos alunos

Os três alunos estão em destaque na composição, representados frontalmente e à frente da sala. Os membros do grupo estão falando (balões de fala) e apontando, embora as mãos tenham sido omitidas, em direção ao quadro (ou tela de projeção) simultaneamente. A ação sugere que estejam falando e se referindo à imagem apresentada como apoio à explicação, ou mesmo o conteúdo do assunto. Diante deles estão os professores, sentados diante de uma mesa com folhas de papel nas mãos, indicando possivelmente as anotações para avaliação. Os demais alunos estão presentes, mas apresentam formas simplificadas e há objetos sobre as mesas que parecem folhas de papel e, em alguns casos, laptops, mas o uso e o que eles fazem não está claramente sinalizado. O fragmento apresenta uma parte da sala de aula, pois as linhas incompletas na extremidade inferior indicam a continuidade do desenho.

No fragmento a sala está reduzida à representação do quadro, mesas e cadeiras, omitindo aspectos como paredes, piso, iluminação, janelas etc.

As ações mais claras são falar e mostrar, que são protagonizadas pelos três alunos simultaneamente. Outras ações que se desdobram é a de ouvir, no caso os professores e demais alunos, e avaliar, no caso dos professores. As atividades dos demais alunos não são muito claras, mas pela postura parecem estar atentos à apresentação.

O conteúdo temático no caso é o projeto dos alunos e seu respectivo processo, que é narrado aos professores e colegas. O estilo empregado envolve a fala dos alunos e a exibição de um desenho no quadro (ou tela de projeção), ao qual os alunos fazem referência. A composição apresenta os alunos à frente da sala, os professores voltado para os alunos como uma banca examinadora e os demais alunos posicionados em mesas lado a lado nas duas laterais da sala.

A representação a seguir (Figura 5-24) apresenta três momentos distintos e sequenciais, separados por contornos e ordenados por números. Num primeiro momento há uma apresentação, em seguida o grupo de alunos discutindo entre si e no terceiro momento um aluno (ou dois, não consegui determinar se é o mesmo) mostra o detalhamento, em que se trabalha na construção do objeto fora da sala, sinalizada pela presença do computador desktop.

O desenho é sintético e apresenta apenas alguns aspectos que caracterizam as pessoas, o espaço e os objetos presentes. Em alguns casos, as pessoas representadas não tiveram os rostos desenhados, ficando apenas os traços estruturais. Os ambientes também foram simplificando, apresentando apenas alguns elementos, dentre eles a tela de projeção, mesa e cadeiras, enquanto os demais aspectos da sala de aula foram omitidos.



Figura 5-24 Desenho 055CV15F01 na íntegra

O foco de análise aqui está no primeiro momento, representado na parte esquerda superior da imagem. Essa parte do desenho (Figura 5-25) mostra dois alunos à frente da sala, identificados tanto por haver uma mulher, possivelmente a autora do desenho, como pela oposição ao professor. O professor encontra-se sentado voltado para os alunos, identificado pelo uso do óculos (que o professor da turma em que foi realizada, de fato usava). Tanto a aluna como o professor estão falando, e o restante da sala e o dos alunos foram omitidos. Pelo posicionamento dos alunos, do professor, e pelas ações trata-se de uma apresentação.



Figura 5-25 Desenho 055CV15F01 (fragmento) do professor comentando o projeto

Os dois alunos estão em destaque na composição, representados frontalmente e à frente da sala. A aluna fala, gesticulando as mãos em sinal de explicação. Apesar de haver uma apresentação projetada na tela, não há uma referência direta a ela, mas subentendo o emprego como apoio à apresentação. O professor também fala, com o dedo levantado em riste e um lápis na mão, sinalizando uma arguição numa postura prescritiva e sugerindo a avaliação, por extensão do ato de anotar subentendido pela presença do lápis.

As ações de fala são protagonizadas pela aluna e pelo professor, indicando o diálogo e a troca mediante as setas que vão de uma em direção ao outro e vice-versa. O emprego dos recursos não está evidente, bem como as atividades no restante da sala. O professor também porta um lápis, o que sugere que em algum momento ele tome notas.

A escolha pela representação apenas dos alunos do grupo e do professor sugerem que a aluna quis enfatizar apenas as pessoas mais envolvidas na ação. Houve portanto uma escolha por omitir o restante da turma, talvez por considerar o papel dos alunos em apresentar e do professor em avaliar, minimizando o papel do restante da turma, como público.

No fragmento, a sala está reduzida à representação do quadro, mesas e cadeiras, enquanto, omitindo aspectos como paredes, piso, iluminação, janelas etc.

As ações mais claras são falar e mostrar, que são protagonizadas pelos três alunos simultaneamente. Outras ações que se desdobram é a de ouvir, no caso os profes-

sores e demais alunos, e avaliar, no caso dos professores. As atividades dos demais alunos não são muito claras, mas pela postura parecem estar atentos à apresentação.

O conteúdo temático no caso é o projeto dos alunos e seu respectivo processo, que é narrado aos professores e colegas. O estilo empregado envolve a fala dos alunos e a exibição de um desenho no quadro (ou tela de projeção), ao qual os alunos fazem referência. A composição apresenta os alunos à frente da sala, os professores voltado para os alunos como uma banca examinadora e os demais alunos posicionados em mesas lado a lado nas duas laterais da sala.

O conteúdo temático em questão é o próprio projeto dos alunos e seu respectivo processo, narrado para o professor. Quanto ao estilo, a fala é priorizada, tanto em relação aos alunos como ao professor, indicando o processo de diálogo, mas que em relação aos alunos envolve a explicação e ao professor a arguição e avaliação. A composição contempla os alunos em evidência, em pé à frente da sala e o professor sentado na posição de avaliador, de frente para os alunos.

### **5.2.3.3 Considerações sobre apresentação**

As apresentações constituem um momento característico, mas pontual, das aulas tanto por compreender o relato em momentos-chave do projeto, como também por envolverem as avaliações parciais e finais. De acordo com essa importância, nos desenhos dos alunos há concordância com algumas das impressões registradas na observação das aulas: há uma disposição espacial característica, os alunos ficam em evidência, os professores participam pontualmente. Portanto, há uma dupla função nas apresentações, pois se destinam à comunicação dos processos de projetos para os professores e a turma e à avaliação.

Pelo fato das apresentações coincidirem com a avaliação, compreendo que os alunos priorizaram a relação entre professores e apresentadores em seus desenhos. O papel relegado aos espectadores é menor, o que me leva a pensar que eles valorizam mais o momento em que estão apresentando e sendo avaliados, do que os momentos em que assistem seus colegas apresentar. Desse modo, parece que se dirigem mais aos professores do que aos colegas no momento da apresentação, contrariando a expectativa de alguns professores que tentam incentivar a presença da audiência nesse momento.

A organização espacial acompanha esta hierarquização de papéis de uma maneira bem característica. A disposição da apresentação equipara-se a um formato de palestra ou aula expositiva (palestrante à frente e demais pessoas dispostos ao redor), mas com uma banca examinadora (com mesas e cadeiras quase sempre presentes) constituída pelos professores colocada à frente dos alunos. Em

alguns casos, a plateia está presente em fila ou ao redor, em outros há apenas a relação entre palestrantes e banca.

Em relação a interação, os alunos que apresentam protagonizam as ações, falam e mostram enquanto os professores ouvem e observam. O diálogo é pouco retratado, mas presente o que condiz com a formalidade do momento que divide os momentos de fala dos alunos e de parecer dos professores. Entretanto, apesar de parecerem coadjuvantes, o exercício do poder pelos professores aparece quando realizam seus comentários e avaliações. É uma manifestação discreta, mas presente.

Os recursos empregados pelos alunos estão apontados nos desenhos, mas de maneira discreta. A maioria dos desenhos destaca o uso da fala e mostra o emprego de texto e imagem projetados na tela. Todavia, há uma gama de recursos observados nas apresentações que não aparecem nos desenhos: experimentos, cartazes, desenhos, modelos, protótipos etc. Tais recursos costumam ser exigidos pelos professores nas apresentações e chega a ser comum que as mesas dos apresentadores fiquem repletas de materiais, desenhos e objetos.

O conteúdo temático nas apresentações são os projetos de cada grupo e seus respectivos processos, é isso que mobiliza os recursos empregados e que implica as arguições dos professores. As diferenças em relação aos atendimentos não é temática, mas diz respeito a outros aspectos como a destinação, pois envolve a turma como um todo.

Em relação ao estilo, as apresentações privilegiam a fala, principalmente por parte dos alunos e dos professores, no sentido de questionar, comentar ou avaliar. Além da fala, os alunos costumam exibir objetos e recursos visuais como apoio às explicações, nesse sentido o uso de maquetes, modelos, protótipos, desenhos é fundamental para apresentar o processo e os resultados do projeto. Os desenhos trataram pouco esses aspectos, mas a observação evidencia essa. Em relação à estrutura composicional, as apresentações possuem um formato típico que coloca os alunos em evidência, à frente da sala e em pé dirigindo-se aos espectadores. Os professores se posicionam como uma banca examinadora diante dos alunos, embora em alguns casos também possam se sentar nas fileiras, como os alunos. Já os demais alunos situam-se ao redor da sala ou em fileiras, dependendo de como a sala for arranjada. Durante as apresentações, a sala é mobilizada como um todo, todavia alguns desenhos tratam apenas de fragmentos mostrando apenas a interação entre os professores e os apresentadores.

Há uma hierarquização clara sobre os papéis desempenhados durante as apresentações. Em primeiro plano encontram-se os alunos que apresentam, representados de maneira destacada nos desenhos: estão em pé, à frente da sala, retratados como os protagonistas que falam e mostram seus projetos. Em segundo pla-

no estão os professores, como interlocutores, aos quais os alunos se dirigem. Os professores ouvem e observam a apresentação, ao mesmo tempo em que registram e avaliam, em certos momentos eles intervêm, comentando e dando seus pareceres. Em terceiro plano estão os demais alunos, espectadores que participam menos das ações, apenas assistindo ou, no máximo, aplaudindo. Em alguns momentos não estão sequer retratados ou participando das ações. Os monitores foram mencionados em apenas um desenho.

O papel dos alunos apresentadores e professores condiz com as observações. Todavia, considere algumas divergências quanto ao papel dos espectadores que encontram-se, na maioria dos casos, em posturas passivas e observadoras. Durante minha experiência em sala de aula, notei que nos momentos de apresentação é comum que os demais alunos se engajem em outras atividades tais como as de finalizarem suas próprias apresentações ou seus produtos, as de conversarem ou mesmo as de se ausentarem da sala. Desse modo, a dispersão dos demais alunos espectadores pareceu-me mais comum do que os desenhos evidenciam.

### **5.3 Conclusões do capítulo**

Neste capítulo apresentamos a proposta de empregar a concepção de gêneros discursivos para compreender as formas típicas que as aulas de projeto assumem. Como vimos, a noção de gêneros em Bakhtin depende da noção de enunciado, que compreende a dinâmica dialógica na qual o processo de comunicação se dá, considerando tanto suas condições sociais, como históricas. Os gêneros em Bakhtin correspondem às “formas relativamente estáveis de enunciado” e se constituem em situações específicas e com propósitos específicos.

A noção de gênero discursivo é o que permite a relação entre enunciados singulares e as formas coletivas e históricas, pois como lembra Bakhtin, não somos os primeiros a romper o silêncio do mundo. Desse modo, os enunciados também se constituem a partir de gêneros, mesmo que em alguns casos eles os subvertam, conforme lembra Marcuschi.

A respeito dos gêneros Bakhtin destaca a variação entre gêneros primários e secundários, enfatizando que a diferença está associada ao nível de elaboração, no qual os secundários normalmente incorporam os primários. Além disso, Bakhtin também aponta para os aspectos que constituem os gêneros, que são o conteúdo temático, estilo e composição.

Fundamentados na concepção apresentada por Bakhtin sobre os gêneros discursivos e ancorados na colocação de Marcuschi (2003) de que a aula expositiva é um gênero discursivo, consideramos que os gêneros discursivos também auxiliam na compreensão das práticas de ensino e aprendizagem em sua relação com o

espaço físico e os recursos materiais. Isso porque esses aspectos possuem características próprias que potencializam ou limitam determinados tipos de ação e interferem, assim nas práticas de salas de aula.

Consideramos também os estudos da antropologia e da sociolinguística interacional para compreender que os gestos, o ambiente e as situações constituem informações contextuais que afetam os significados. Portanto, foi a partir desse olhar que encaminhamos a análise, considerando tanto a observação participante como as representações gráficas dos alunos.

Conforme mostraram os desenhos dos alunos e a observação participante, as atividades de sala de aula assumem algumas configurações típicas que permitiram sua identificação. Apesar dessas formas não serem únicas e exclusivas das aulas de projeto em Design, elas apareceram com destaque nos desenhos indicando sua importância para o desenvolvimento das etapas de projeto. Portanto, entendemos que tais formatos não apenas sejam importantes, como também estabelecem maneiras típicas de interação que definem práticas de ensino e aprendizagem características do curso.

Defendemos, assim, a ideia de que as aulas de projeto se dão por meio de gêneros, porque entendemos que as aulas possuem, ao mesmo tempo, características singulares, mas que remetem a outras formas pré-existentes e conhecidas. As aulas assumem formas típicas, reconhecíveis pela observação mas também evidenciada pelos alunos em suas representações dos momentos de aula. Quando solicitados a descreverem as aulas de projeto, os alunos mostram uma consciência clara sobre determinados tipos de aula, que, apesar das variações apresentam predominantemente características comuns.

Como gêneros de aula, as formas de aula apresentam funções específicas, bem como tema, estilo e composição distintas. Adaptamos esses conceitos para compreender a interação entre as práticas de ensino e aprendizagem com os espaços e recursos materiais de sala.

Os gêneros de aula identificados na observação e que encontraram eco nas representações foram as palestras/aulas expositivas, atendimentos e apresentações. Enfatizamos estes pela concordância entre observação e o ponto de vista dos alunos, todavia outros gêneros observados e pouco representados também poderiam ser considerados, como as dinâmicas de sala e as oficinas, mas não havia amostras suficientes para tratá-los nessa pesquisa.

Também não incluímos aqui outras atividades dos alunos, pois optamos por considerar as interações entre professores e alunos. Consideramos que merecem menção e talvez um trabalho mais aprofundado para tratar dessas relações e o processo de aprendizagem dos alunos de Design.

Quanto à função, cada gênero de aula tem uma atribuição específica. Os gêneros de aula de palestras/aulas expositivas possuem a função de prover determinados conhecimentos para os alunos que auxiliem nos projetos. Os gêneros de atendimento visam a orientar o desenvolvimento dos projetos. Já os gêneros apresentações objetivam a comunicação do processo para o grupo e sua respectiva avaliação.

Os gêneros de aula possuem estilos, interpretados aqui como os recursos empregados para que se constituam. Também nesse aspecto são variados, embora as ações de falar e mostrar sejam recorrentes em todos, possivelmente pela natureza específica das aulas de projeto que envolve o desenvolvimento dos projetos e a comunicação entre professores e alunos. Entretanto, a maneira específica como os recursos são empregados varia.

Nas palestras, trata-se do material trazido pelos professores e palestrantes, e a fala do professor se dá de modo mais autoritário, no sentido de haver um conteúdo a ser aprendido. Durante os atendimentos tanto o que é mostrado como a forma de falar muda. Os alunos trazem seus desenhos, objetos, modelos, experimentos para mostrar aos professores e a fala se dá na forma de diálogo e de sugestão. Já nas apresentações também são os alunos que trazem o material para mostrar, mas a fala se dá de maneira mais formalizada e direcionada também ao público de alunos presentes, embora privilegiem a relação com os professores por conta da avaliação.

O uso dos recursos presentes na sala também varia de acordo com o gênero de aula. As palestras e aulas expositivas costumam empregar o quadro de giz e/ou o *datashow* e tela de projeção de maneira a auxiliar as explicações. Nos atendimentos, esses recursos não são empregados, e o caderno e os recursos pessoais, como celular e laptop ganham mais destaque. Nas apresentações o quadro, *datashow* e tela de projeção voltam a ser usados, só que desta vez pelos alunos.

A composição, ou seja, as formas e maneiras com que se configuram os gêneros de aulas são bastante diversificados e característicos. Como lembram Bakhtin (2006) e Marcuschi (2003), não se trata de uma classificação tipológica, mas formas mais ou menos estáveis que se dão a partir das interações, daí sua diversidade e sua atualização constante. De acordo com cada gênero os alunos e professores assumem posições e posturas específicas. Nas palestras e aulas expositivas os professores e palestrantes ficam à frente da sala, normalmente em pé, se dirigindo aos alunos como um todo. Os alunos, por sua vez, ocupam a sala sentados em fileiras ou rodeando a sala (variando se a sala for retangular ou circular).

Nos atendimentos, a configuração característica é a de um pequeno núcleo que compreende os alunos e o(s) professor(es), em geral em torno de uma mesa. Durante os atendimentos, os demais alunos se engajam em diferentes atividades, vinculadas ou não ao projeto, enquanto aguardam a vez de serem atendidos.

Já nas apresentações a configuração situa os alunos que apresentam em pé à frente da sala, os professores sentados diante dos alunos como banca examinadora e os demais alunos ao redor como espectadores. A atividade, supostamente envolve a turma inteira, mas o foco dos alunos e o diálogo que se estabelece normalmente é com os professores.

Vale lembrar que a recorrência desses gêneros de aulas também é diversificado. As palestras e aulas expositivas ocorrem principalmente com os professores de conteúdo, os atendimentos ocorrem predominantemente nas aulas dos professores regentes ao longo do período letivo, enquanto às apresentações constituem momentos-chave da disciplina.

Se, por um lado os alunos identificaram as formas de aulas específicas, a partir da qual consideramos como gêneros, por outro lado a consciência acerca dos espaços nas representações demonstra uma tendência à omissão de diferentes aspectos que compõem as salas de aulas. A falta de diferentes aspectos das salas de aula, referentes à sua estrutura, fontes de iluminação, vista, posição de portas e janelas, além das dimensões das salas, para mencionar alguns elementos, não foram contempladas em diversos desenhos. Além disso, elementos esperados como as mesas, cadeiras, projetores, que são empregados cotidianamente, foram omitidos em alguns casos.

As omissões, porém, não consistem apenas em esquecimentos, mas consideramos também como parte das escolhas dos alunos ao desenhar, pois elegeram os aspectos que consideraram importantes, deixando de lado aqueles que considerados irrelevantes. Assim, as representações evidenciaram as pessoas, algumas ações, mas detalharam pouco os espaços físicos e os recursos materiais presentes.

Os aspectos intelectuais foram bastante enfatizados em diferentes desenhos que mostravam a importância das ideias. Em contrapartida, o desenho das pessoas foi bastante simplificado, omitindo aspectos básicos como a definição do rosto, sexo ou os membros, como mãos e pernas. Há, portanto, uma aparente valorização da razão e do intelecto em detrimento das condições físicas e da maneira como os corpos ocupam os espaços e interagem com os objetos.

Não foi possível aprofundar sobre aspectos relativos às posturas das pessoas, sobre as maneiras como se sentam, como as mãos, os pés se posicionam nas interações, entre outros aspectos devido ao nível de detalhamento dos desenhos. Evidentemente, há uma dificuldade de representação que uma representação mais realística envolve, mas há também uma tradição em se desconsiderar o papel do corpo e do ambiente em relação às práticas de ensino e aprendizagem. A omissão desses aspectos se relaciona a uma concepção de ensino que desconsidera o papel do espaço e dos recursos materiais no processo educacional.

Além das posturas outro tipo de omissão ocorreu acerca dos demais alunos e, em especial das atividades paralelas. Em diversos casos, os alunos retrataram apenas aquilo que acharam pertinente, omitindo os espectadores das apresentações, ou omitindo o restante da turma durante os atendimentos. Todavia, a observação indicava que estes alunos estavam presentes e que esses gêneros de aulas conviviam com uma diversidade de atividades.

A omissão da diversidade de atividades também deve ser associada às noções de ensino, pois contemplaram apenas aquilo que consideraram pertinente para a aula. Dessa maneira, tudo aquilo que não possuía uma relação direta com os projetos dos grupos em alguns casos, como o trabalho de outros grupos, ou com o processo de projeto de uma maneira geral, como as conversas e distrações foram descartados. Com isso, o projeto é considerado de maneira idealizada, pela maneira como deve ser e não com as contradições e diversidades que lhe são inerentes.

O reconhecimento, ainda que raro, da pluralidade de atividade que ocorre dentro da sala indica ao menos o entendimento de que a aula se constitui dessa maneira. Embora em alguns casos possa se tratar de uma crítica ao comportamento dos colegas, pelo menos estes desenhos evidenciaram a sala de aula em sua heterogeneidade e pluralidade.

Devemos considerar que os alunos não aprendem apenas na relação com os professores, tanto que o Design em Parceria obriga os alunos a observarem uma atividade fora da universidade, mediados pelo contato com o parceiro. Alguns gêneros, como as palestras/aulas expositivas, restringem as demais atividades, mas já os atendimentos favorecem a interação entre os alunos. Portanto, mesmo as aulas potencializam que o ensino e aprendizagem se desenvolvam também por outros meios que não a relação professor-aluno.

O poder disciplinar é outro aspecto que faz parte das visões acerca do ensino de projeto. Em alguns casos os professores são enquadrados como autoridades e possuem a palavra final, seja de aprovação ou reprovação. Em outros casos a autoridade se encontra minimizada, equiparado à condição dos alunos que participam na sugestão de alternativas. Os diferentes papéis atribuídos aos professores em relação à autoridade demonstram valorações distintas sobre a importância do poder disciplinar nas salas de aula. Além disso, de acordo com os gêneros de aula se legitima ou se relativiza essa autoridade.

O conflito entre autonomia e a necessidade de uma autoridade disciplinar mostra a alternância de papéis atribuídos aos professores em relação aos alunos. Por um lado, desenvolvem atividades em grupo e possuem a capacidade de definir as próprias escolhas. Por outro lado, estão submetidos ao julgamento e a aprovação dos professores para que possam realizar suas escolhas.

As contradições entre desenho e observação, bem como as diferenças de opiniões refletem a ideia das práticas sociais, conforme apresenta Chartier (1990). De acordo com o autor, as práticas sociais se relacionam às suas representações, que nesse caso não se trata de desenhos, mas as ideias, noções, preconceitos que envolvem as práticas. O autor lembra que é comum que as práticas se alinhem com as representações, mas também podem apresentar conflitos, no sentido de grupos sociais que defendem uma ideia, mas possuem práticas que as contradizem.

Ao tratar as aulas como práticas sociais, entendemos que elas também envolvem representações, ou seja, predisposições e visões que podem confirmá-las ou contradizê-las. A noção de Chartier também dialoga com a própria noção de Bakhtin, uma vez que reconhece a ocorrência das disputas e confrontos presentes pelas diferenças de classes, grupos e visões de mundo.

Para Bakhtin (2006), os signos e os enunciados são as maneiras pelas quais se manifestam as ideologias e portanto, o processo de diálogo é também um processo de negociação, de adequação entre diferentes horizontes de expectativas. Desse modo, o que tentamos neste capítulo foi estabelecer um diálogo entre os momentos de aulas típicos evidenciados pelos alunos e a noção bakhtiniana de gênero. A seguir, tecemos as considerações finais acerca da pesquisa.